

VIVA O POVO BRASILEIRO?

Por Rozeane Albuquerque Lima

No próximo ano, em 2014, a obra *Viva o Povo Brasileiro*, escrita por João Ubaldo Ribeiro, completará 30 anos. Este tempo histórico em uma sociedade globalizada e informatizada, possibilita o acesso a muitas informações e estas, quando transformadas em conhecimento, geram transformações. A reflexão sobre o que é o povo brasileiro, de onde veio, qual o seu passado comum, está presente ao longo de toda obra, e muito do que é posto no livro ainda participa do debate acadêmico atual.

Pretende-se pois, uma reflexão sobre as continuidades e rupturas no debate sobre identidade nestes 30 anos, tendo como fundamento e argumento principal este texto literário, considerado um dos mais importantes do autor e que dialoga com a história, quer no sentido de reforçar elementos formadores do povo brasileiro cristalizados à época da edição, quer no sentido de desnaturalizar (como uma escovação a contrapelo) o que se considerava elemento fundamental na composição e na explicação da origem deste povo em 1984.

Escritor reconhecido internacionalmente, com obras traduzidas para vários idiomas, João Ubaldo Osório Pimentel Ribeiro (também jornalista, roteirista, professor e membro da Academia Brasileira de Letras) tem os seus textos literários marcados pela presença de elementos culturais, sociais, políticos, econômicos, ambientais, e notadamente por ações do cotidiano da população brasileira, com ênfase à baiana (da Ilha de Itaparica e do Recôncavo Baiano). O recorte espacial se justifica por seu nascimento: Baiano, da Ilha de Itaparica, este lugar de fala está presente em vários momentos de seus textos. As obras apontadas pela crítica como as principais em sua carreira são *Sargento Getúlio* (1971) *Viva o Povo Brasileiro* (1984) e *O Sorriso do Lagarto* (1989).

Entre *Sargento Getúlio* e *Viva o Povo Brasileiro* 13 anos se passaram e o debate sobre a identidade nacional foi recheado pelo contexto histórico dos anos 1970 e 1980. 1970 foi a década do milagre econômico, do crescimento das cidades, da industrialização, do aumento do poder aquisitivo da população e conseqüente aumento do consumo, aliados ao momento de ditadura, incentivador de uma rebeldia criativa (vide os festivais de MPB), e pelos reflexos dos acontecimentos de 1968 na Europa. Na década de 1980 o Brasil vivencia o processo de redemocratização, com o fim da ditadura militar. Todos estes eventos influenciaram o meio acadêmico e João Ubaldo Ribeiro não vive este período imune aos acontecimentos:

Os elementos que dão liga à identidade de um povo, que fazem o ser brasileiro, são reforçados ao longo da luta contra a ditadura militar, da visão do Brasil como um país rico em recursos naturais e estes capazes de provocar o boom econômico da década de 1970, da participação dos intelectuais no processo de redemocratização iniciado na década de 1980. Afinal, o que é o Brasil, e quem é o povo brasileiro, qual a sua origem?

Viva o povo brasileiro é um esforço audacioso empreendido por João Ubaldo Ribeiro em uma obra de ficção, um romance histórico iniciado em 1982 e publicado em 1984, para contar a saga do povo brasileiro em quase 700 páginas cujo recorte temporal cobre desde o século XVII quando da chegada dos holandeses à Bahia, até a década de 1970 do século XX, trabalhado não linearmente, provocando um efeito temporal de idas e vindas na narração, ilustrada por acontecimentos históricos diversos (Canudos, Independência, Farrapos, Abolição, Guerra do Paraguai entre outros), privilegiando os episódios oitocentistas.

O livro abre caminho para várias discussões interdisciplinares, como é a experiência do próprio autor: Atuando em várias fronteiras, João Ubaldo Ribeiro tende a contestar não apenas a realidade, mas também as limitações que cada campo de saber lhe oferecia. Talvez por isso a opção pela literatura, um texto mais solto, sem as amarras teórico-metodológicas que as ciências exigem e ainda com uma ampla liberdade de expressão.

Utilizando uma redução no modelo de escala, o autor concentra os episódios no espaço geográfico da Bahia, com ênfase à Ilha de Itaparica e ao Recôncavo Baiano. Esta redução metonímica no que se refere ao espaço é bastante simbólica, haja vista a representação da Bahia como berço, como origem da nação. A construção da identidade é um debate que perpassa toda a obra, e os traços culturais, a paisagem (no sentido cultural do termo, como explicitado em Simon Schama), o cotidiano das pessoas, os acontecimentos políticos, a vida econômica da Bahia, servem de base para se criar, tendo como plano de amostragem a população da Ilha de Itaparica e do Recôncavo Baiano, uma identidade do povo brasileiro.

Povo brasileiro é uma personagem em contínua construção ao longo da obra, que precisa ser constantemente definida, precisa de características; João Ubaldo Ribeiro as busca nos seus mais diversos personagens: histórias singulares (indígenas canibais, negros escravos e livres, oligarcas, políticos, portugueses, holandeses), ilustram o todo de uma população em um tom satírico que afasta qualquer tentativa de enaltecimento dos traços identitários que compõem este conjunto popular. Mas não se contam as histórias destes indivíduos de uma forma desarticulada, ela é parte de um todo, é o constante devir de todo um povo que pauta a obra e o épico é usado por Ubaldo Ribeiro para exaltar os “heróis de nossa gente”, heróis com um quê de mágico, e que vão na direção contrária aos heróis proclamados e exaltados pela história. A trama é tecida fazendo um questionamento às fontes que contam a história oficial do Brasil, desnudando as injustiças e os equívocos que a compõem através das ações de suas personagens.

Um aspecto importante que aflora no debate das identidades culturais ou nacionais atualmente, mas que já era uma preocupação de João Ubaldo em 1985 é que elas não são categorias fixas, engessadas, sem mobilidade: são passíveis de transformação, de continuidades, permanências ou mudanças e negociações, inclusive de deslocamentos. Deslocamento este presente na escolha dos personagens que vão ilustrar o “povo brasileiro”: algumas identidades forjadas a partir de ações ou documentos falsos (como é o caso de Perilo Ambrósio, futuro Ba-

rão de Pirapuana, que constrói uma imagem de herói da independência, omitindo e mentido sobre os fatos, sua covardia e fuga dos combates nunca foram descobertas), e os que parecem mais íntegros estavam sempre envolvidos por uma narrativa na qual a presença do fantástico era predominante, exemplo desta narrativa é a cena na qual Júlio Dandão fala com Budião, Feliciano e Zé Pinho sobre a Irmandade:

“(...) enquanto falava entre seus rolos de fumaça Dandão ficou maior, muitíssimo maior, mais alto do que a casa que o continha, ficou de todas as cores e expressões, ficou até transparente, ficou úmido como o entrepernas de uma mulher e sabido como a raiz de árvore, ficou uma verdadeira paisagem (...)”. (RIBEIRO, 1984, 211-212)

A visão dicotômica de mundo, herança do pensamento ocidental, pautado nos princípios judaico-cristãos é sentida na trama e na seleção dos personagens, que podem ser analisados em dois grupos principais: os vencedores, quase sempre ocupando esta posição por ações e meios ilícitos, entre eles está Amleto Ferreira, guarda-livros que acumula fortuna desviando mercadorias do Barão para quem trabalhava, para o seu próprio armazém, e se apossando da fortuna restante quando da morte deste. Não lhe bastando, ainda forjou uma certidão de nascimento com a intenção de esconder os laços familiares, os descendentes escravos; e os vencidos, que na obra aparecem envolvidos em véus de misticismo, de magia, do encantamento que põe em dúvida os fatos e sua própria existência, um bom exemplo destes são os integrantes da Irmandade da Casa da Farinha.

Atualmente, com a discussão sobre a fragmentação do sujeito associada ao rompimento das fronteiras e transformação dos conceitos de tempo e espaço devido à globalização que nos permite novas formas de comunicação e de interação, temos que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente.” (STUART HALL, 2006, p. 13). Apesar destas ideias terem aflorado após o ano 2000, a obra de João Ubaldo já sinalizava para uma certa fluidez nas identidades, ainda que esta fluidez se pautasse em documentos ou fatos questionáveis.

A forma como João Ubaldo Ribeiro propôs o debate sobre identidade em um livro de ficção, presente em *Viva o Povo Brasileiro* em 1984, ainda é um debate muito atual. Muitos são os cursos de pós graduação no Brasil que se pautam neste tema (Identidade). Sua preocupação em trazer o singular para o discurso do todo, do homogêneo também está presente na atualidade, não apenas o Stuart Hall discute este singular, mas Michel de Certeau, Arlette Farge, e vários teóricos que fundamentam as pesquisas das ciências humanas recentemente.

Inventando um Brasil, João Ubaldo Ribeiro inventa um povo brasileiro, nos inventa, construindo para este grupo uma história, um passado comum, elemento tão corriqueiro nas construções de identidades. O que tem de original em *Viva o Povo Brasileiro* é não apenas o

estilo único do autor, mas também uma tentativa de virar a história oficial pelo avesso, de contar uma anti-história do Brasil, de envolver o leitor com histórias tão fantásticas, mas ao mesmo tempo tão reais, que criam a dúvida da facticidade do acontecimento, dúvida esta muitas vezes criada pela nossa expectativa, pelo nosso imaginário, por nossa vontade de que realmente tivesse acontecido.

Bibliografia

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. A invenção do Nordeste e outras artes. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

FARGE, ARLETTE, Lugares para a História. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FOUCAULT, Michel. As palavras e as Coisas: Uma arqueologia das Ciências Humanas. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

RIBEIRO, João Ubaldo. O Sorriso do Lagarto. São Paulo: Circulo do Livro. 1989.

RIBEIRO, João Ubaldo. Sargento Getúlio. 16ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1982.

RIBEIRO, João Ubaldo. Viva o Povo Brasileiro. 13ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1984.

SCHAMA, Simon. Paisagem e memória. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SKIDMORE, Thomas. Brasil: De Castelo à Tancredo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

ROZEANE ALBUQUERQUE LIMA (PARAÍBA) – Tem formação em Direito, História e Letras, todas pela UEPB e a especialização em História do Nordeste também pela UEPB. Mestrado em História Cultural pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).